

OS DIÁLOGOS DE PLATÃO

Henrique C. de Lima Vaz
CES — BH

THEO KOBUSCH — BURKHARD MOJSISCH (org.), *Platon: seine Dialoge in der Sicht neuer Forschungen*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1996, 307 pp.

Alguns dos melhores especialistas de Platão na atualidade, sobretudo alemães, mas com a colaboração de alguns estudiosos estrangeiros, oferecem-nos nesse livro uma preciosa soma de informações sobre o estado atual da pesquisa com respeito aos principais *Diálogos de Platão*, informações essas inseridas na análise pessoal e tomada de posição de cada autor sobre os problemas de interpretação do diálogo por ele estudado. A fórmula, pois, escolhida para dar-nos a conhecer o estado atual dos estudos platônicos é original e sugestiva. Cada estudioso expõe sua leitura pessoal do diálogo sobre o qual lhe cabe informar e a confronta com os outros intérpretes entre os mais recentes, aos quais a referência é feita em notas ao pé da página que remetem à abundante bibliografia (pp. 278-293) ao fim do livro. Um índice de nomes e um índice de matérias completam esse excelente instrumento de trabalho.

Não seria possível analisar aqui cada uma das densas contribuições que enriquecem o volume, elegantemente editado. Esse é um livro para consulta permanente, e não para simples leitura cursiva. Assinalamos apenas alguns dos complexos temáticos que estruturam as linhas de interpretação do pensamento platônico, e que nos permitem uma visão de conjunto da rica matéria que aqui é oferecida à nossa reflexão. De resto os Editores, numa breve Introdução, guiam o leitor numa primeira visão de conjunto das diversas contribuições e da perspectiva segundo a qual cada uma aborda o respectivo Diálogo.

Os primeiros diálogos de Platão giram, como é sabido, em torno do ensinamento socrático e da figura de Sócrates tal como Platão a reconstituía idealmente a a propunha como paradigma do filosofar aos alunos da Academia. Mas a interpretação desses Diálogos é discutida. W. Wieland, M. Erler e Th. Kobusch tratam respectivamente do *Laques*, do *Cármides* e do *Górgias*. O *Laques* é estudado como um testemunho privilegiado da herança do método socrático, sobretudo no que diz respeito ao problema da *definição*, do *não-saber* inicial, da função *heurística* DA pergunta. M. Erler é um especialista do problema da *aporia* em Platão e ele estuda aqui esse problema no *Cármides*, no qual emerge igualmente o problema conexo do "saber do saber" que desempenhará função importante na constituição da ciência platônica. Finalmente o *Górgias* é analisado por Th. Kobusch sob o ponto de vista da crítica platônica ao "imoralismo" das personagens Polos e Cálicles, na qual já se pode descobrir um preâmbulo ao que será a doutrina ética da *Republica*.

Nos chamados Diálogos da maturidade (*Fédon*, *Banquete*, *Republica*, *Fedro* incluindo-se nesse grupo, segundo alguns, o *Menon*) aparece enfim plenamente definida, como se sabe, a Teoria das Idéias, coluna mestra do pensamento platônico. Giovanni Reale, o conhecido especialista italiano, analisa a Teoria das Idéias no *Fédon* (com referência igualmente ao *Menon*) sob o ambicioso ponto de vista da fundamentação da Metafísica ocidental, cujo ponto de partida foi estabelecido por Platão com a célebre metáfora da "segunda navegação" (*Fedon*, 91 c-102 a), roteiro para a descoberta do mundo inteligível. A contribuição de Reale renova, de alguma maneira, nossa leitura do *Fedon*, situando-a num horizonte temático muito mais vasto do que a prova da imortalidade da alma, sobre a qual a maioria dos intérpretes se concentra. Ela nos mostra já presentes na passagem central do *Fedon* os três núcleos fundamentais da Metafísica platônica e de todo o seu filosofar: 1. A teoria das Idéias, 2. A teoria dos primeiros e supremos Princípios, 3. A doutrina da Inteligência demiúrgica. Sob a mesma luz é estudada a doutrina da *anamnesis* no *Menon* e no próprio *Fédon*.

A contribuição de Rudolf Rehn sobre o *Banquete* investiga igualmente o problema do *eros* à luz do conceito platônico de Filosofia, da sua exemplaridade na figura de Sócrates, na qual se reflete paradoxalmente, se considerarmos seu aspecto físico, o verdadeiro Belo.

Tilman Borsche estuda na *República* o que é denominado por ele a "necessidade das Idéias". Trata-se, na nossa opinião, de uma das mais ricas e interessantes contribuições do volume. As duas teses sobre as quais Borsche fundamenta a sua leitura da *República* são realmente fundamentais, e nenhum leitor do grande diálogo platônico as contestará. A primeira afirma que os problemas do saber (*Wissensfragen*) são igualmente problemas axiológicos (*Wertfragen*), ou seja, a interrogação em torno do objeto verdadeiro do conhecimento (Idéias) conduz finalmente à determinação do que seja a "vida no bem". A segunda tese, decorrência da rigorosa distinção platônica

entre "opinião" e "ciência", afirma que os objetos do saber verdadeiro são "imutáveis", assim como o Bem que, por meio deles, nos esforçamos por conhecer (p. 97). Essas duas teses, propostas em aberta polêmica com a cultura sofística da época, fornecem o roteiro para a exposição de Borsche em dois grandes tópicos: 1. Os problemas axiológicos que, na República, se articulam, como é sabido, em torno do tema da justiça, estudada no seu duplo lugar ontológico: na alma e no Estado, e 2. Os problemas do saber, que surgem no âmbito de três questões fundamentais: a. a distinção entre saber e opinião a partir dos respectivos objetos (ver a importante nota da p. 104 sobre a interpretação moderna da tese platônica da "necessidade das Idéias"); b. a relação entre as Idéias e as coisas e a sua expressão nominal; c. o "ser verdadeiro" e sua expressão no logos. Uma reflexão final sobre "saber e justiça" conclui o brilhante texto de T. Borsche.

Entre os Diálogos da maturidade, o *Fedro* ocupa um lugar à parte, sendo um dos mais lidos diálogos de Platão, seja pelo seu brilho literário seja pela riqueza do seu conteúdo. Nas tendências recentes da pesquisa platônica o *Fedro* é alvo de minuciosa atenção, pois é na sua parte final que Platão propõe a sua crítica do texto escrito, um dos *topoi* fundamentais sobre o qual se apóiam os defensores do novo paradigma de interpretação da doutrina platônica, construído sobre a superioridade do oral sobre o escrito. Thomas A. Szlezák, atual Diretor do Platon-Archiv de Tübingen, é um conhecido defensor desse novo paradigma e especialista no problema das relações entre oralidade e escrituralidade em Platão. A ele foi confiado o capítulo sobre o *Fedro*. Sua contribuição nos oferece uma pormenorizada análise da estrutura complexa do diálogo, cujo objeto principal seria a investigação sobre os fatores e condições que determinam ou devem determinar a produção e a recepção dos *logoi*. A discussão sobre a oralidade constitutiva da Filosofia ocupa a última parte do trabalho, (pp. 127-130) e é conduzida com a maestria que era de se esperar.

Já Antonia Soulez tornou-se conhecida como especialista na lingüística platônica (*Grammaire philosophique chez Platon*, Paris, 1991) e apresenta-nos aqui uma leitura original do *Crátilo* que se anuncia no título da sua contribuição: "A essência da *phoné*: relevância de um simbolismo fonético para uma doutrina da significação".

Os diálogos conhecidos outrora como "diálogos metafísicos" (*Teeteto*, *Parmênides*, *Político*, *Sofista*) formam, na verdade, um grupo complexo de uma grande riqueza de temas e constituem, sob um certo ponto de vista, uma espécie de ajuste final de contas de Platão com a tradição sofística. Andreas Graeser coloca, a propósito do *Parmênides*, a interrogação que, sem dúvida, está na origem da complexa estrutura do diálogo e sobretudo do intrincado exercício dialético da 2a. parte: como falar sobre as Idéias? Graeser adota a opinião de Guthrie sobre a anterioridade cronológica do *Parmênides* sobre os outros diálogos dessa fase e oferece-nos inicialmente preciosas informações sobre o estado atual da pesquisa em torno desse diálogo,

reconhecidamente o mais difícil de Platão. Numa 2a. parte da sua contribuição Graeser aprecia criticamente, para recusá-las, duas das tendências dominantes na leitura atual do *Parmênides*, a *hermenêutica* (H. G. Gadamer *et al.*) e a *analítica* (G. Ryle *et al.*), ao mesmo tempo em que exprime suas reservas quanto à exegese *teológica*, celebrizada pelos Neoplatônicos. Na 3a. parte mostra como o foco principal das discussões do *Parmênides* é o problema da recepção e expressão das Idéias e o risco da sua *coisificação*, problema que reflete, no diálogo, as discussões internas da Academia. Em Apêndice (pp. 162-166) o A. propõe algumas teses sobre a discutida IIa. parte do diálogo: sobre o número das hipóteses, sobre seu método processo, sobre a contração.

Um dos tópicos mais discutidos na literatura platônica e ainda recentemente reavivado na esteira de J. Stenzel, R. Robinson, V. Goldschmidt e outros, é o da natureza da *Dialética* e o da sua relação com o *diálogo*. B. Mojsisch estuda essa questão partindo da *República* e interrogando o *Teeteto* e o *Sofista*. No início do seu texto o A. enuncia a tese que nele será ilustrada em constante referência à temática dos três diálogos: "A filosofia de Platão desenvolve-se a partir do diálogo socrático (*diálogos*), da conversação socrática (*dialégesthai*) para constituir-se a si mesma como *Dialética* no sentido estrito do termo, como método dialético (*he dialektikè méthodos*, *Rep.*, 533 c 7) do saber (*episthème*) que visa o seu objeto, o ser essencial (*ousía*) e o seu princípio, a Idéia do Bem, e assegura-se desses conteúdos do saber para então mover-se, enquanto *saber*, no domínio dos fenômenos" (p. 167). Os momentos dessa tese são percorridos na leitura dos três diálogos: a demonstração do não-ser como condição de possibilidade do diálogo e do discurso (*Teeteto*, *Sofista*); o estabelecimento das categorias que tornam possível o movimento do *saber dialético* (*República*), ou seja, *repouso*, *movimento*, *ser*, *identidade*, *diferença* (*Sofista*); a crítica da ciência como *sensação* ou *percepção* (*Teeteto*). O A. termina com os que lhes parecem pontos sujeitos à crítica na teoria dialógica de Platão: a exclusão dos conteúdos da representação ou da imaginação do âmbito do pensamento dialético, que se ocupa apenas com os gêneros ou Idéias a ele adequados, não obstante aqueles conteúdos mostrem também uma estrutura proposicional. Daqui que o pensamento dialógico diga respeito apenas ao pensamento *em geral*, o que implica um risco de imobilidade. No entanto, mérito de Platão é ter reconhecido a significação do não-ser para o pensamento que se exprime numa estrutura lingüística, e a sua valorização do *movimento* como categoria suprema junto à do *ser*.

O *Sofista*, tido com razão como um dos diálogos teoricamente mais empenhativos de Platão, é estudado por Michael Frede à luz do seu tema central: a questão em torno do *ser*. Não sem razão o *Sofista* foi celebrado como a carta magna da Ontologia ocidental. Frede parte do pressuposto, autorizado pelas fontes até agora disponíveis, a saber, o de ter sido Platão a formular pela primeira vez, no *Sofista*, a questão do *ser* no sentido em que será retomada por Aristóteles na *Metafísica*

e transmitida à tradição posterior. O A. descreve em grandes linhas a estrutura do diálogo para demorar-se na questão, levantada pela crítica sofística a respeito da relação entre pensamento e linguagem, que é o contexto metodológico e gnoseológico no qual surge, para Platão, a questão do *ser*. O entendimento da causalidade recíproca entre pensamento e linguagem na produção do conceito de *ser* mostra-se como o necessário ponto de partida da ontologia platônica no *Sofista*. É nessa linha que M. Frede analisa a problemática central do diálogo e as opções teóricas nele assumidas por Platão, concluindo com um balanço entre as dificuldades e os méritos da célebre obra platônica.

Bernd Effe propõe-nos uma leitura do *Político* guiada pela questão que nesse diálogo é central: a pretensão da posse do poder pelo sábio. Como é sabido, entre a *República* e o *Político* a questão evoluiu para a admissão de um tipo de saber do governante que completa ou corrige o saber universal do guardião-filósofo da *República* com um saber mais concreto e prudencial, de natureza mais pessoal e que implica uma certa depreciação da função normativa da lei (*nomos*), conquanto conserve essa um valor relativo (p. 209 segs.) na regulação do exercício do poder no Estado. A contribuição de B. Effe é ainda preciosa pela abundância das referências à literatura recente sobre o *Político*.

Justin C. B. Gosling encarregou-se da exposição sobre o *Filebo* que, juntamente com o *Timeu*, completa o elenco dos diálogos examinados nesse volume. O A. estuda esse diálogo, notoriamente complexo, à luz da questão: Metafísica ou Metodologia? O problema da aparente falta de unidade na composição do diálogo é situado na perspectiva de três questões fundamentais, de cuja resposta depende o juízo sobre a unidade da composição (p. 215): 1. como se relacionam o uso das categorias do "limitado" e do "ilimitado" na tradição divina; 2. o que é a tradição divina e como se relaciona com ela a perícopa 16-18? qual a significação da perícopa em 15 sobre as Formas e as coisas singulares mutáveis? Esse problema chega a uma solução e essa é aproveitável na questão das quatro espécies de prazer? Uma cerrada discussão das interrogações assim formuladas conduz a uma ponderada conclusão (pp. 227-228) sobre a intenção e o procedimento filosófico de Platão nesse diálogo de tão complexa estrutura e de tão rico conteúdo.

O *Timeu* finalmente é objeto de uma luminosa exegese por parte de um dos grandes especialistas atuais sobre o célebre diálogo, Luc Brisson. O título da sua contribuição já indica a direção da leitura aqui proposta do *Timeu*: "Contemplar o cosmos para viver retamente". A íntima conexão entre Cosmologia e Ética, ou a contemplação do universo, levando ao conhecimento da origem do homem e da sociedade, contribui para a vida no bem, tanto do ponto de vista do corpo quanto da alma. Por outro lado, a contemplação do universo é de natureza estritamente matemática. Brisson é pioneiro na ênfase dada a esse ponto no estudo do *Timeu* e na investigação dos pormenores da estrutura matemática que, segundo Platão, subjaz aos

elementos, aos mixtos e ao universo como um todo. Sua exposição, extremamente clara, acompanha os tópicos principais do discurso platônico, segundo os dois grandes temas: Cosmologia e Ética. Na Cosmologia são primeiramente estudadas as pressuposições fundamentais que sustentam a estrutura conceptual do diálogo: as Idéias, o Demiurgo e a Chôra. A partir dessas pressuposições, o discurso platônico trata primeiramente da constituição do Mundo, da Alma do Mundo e da sua estrutura matemática análoga à harmonia musical. Em segundo lugar são estudados os corpos igualmente na forma matemática dos elementos que confere ao mundo sensível algumas das propriedades do inteligível. Vem em seguida a produção do homem no seu corpo e na sua alma. A segunda parte, mais breve (pp. 242-245) trata da Ética e Brisson realça aqui o fato indiscutível de que a Ética cosmológica do *Timeu* retoma a pressuposição fundamental da Ética socrática "Ninguém é mau voluntariamente" e a articula justamente com a ordem contemplada do cosmos que, como divino, é a *medida* do homem, sendo essa a refutação platônica da teoria de Protágoras sobre o homem-medida. Por outro lado Platão afirma que a contemplação do mundo sensível é condição necessária mas não suficiente para a contemplação das Idéias que permanecem, para Platão, o fundamento último dos valores (p. 245). Três apêndices ao texto de Brisson ilustram graficamente a matemática do *Timeu*.

A última contribuição para o nosso volume é devida a Hans Krämer e trata da significação atual, para o estudo da obra platônica, das chamadas "doutrinas não-escritas" (*agrapha dōgmata*). Krämer é um dos pioneiros na proposição do chamado "novo paradigma" que subordina a leitura e interpretação dos diálogos a uma recuperação das doutrinas não-escritas como exposição, fragmentariamente transmitida pela doxografia, de uma teoria dos Princípios, coroa do pensamento platônico. Na sua contribuição Krämer examina primeiramente a literatura a respeito do "novo paradigma" para, em seguida, apresentar alguns exemplos de como o recurso às "doutrinas não-escritas" pode completar o que é transmitido na obra escrita. Esses exemplos são buscados na noção platônica de *Dialética*, na doutrina dos Princípios, na teoria das Idéias-Número e, numa 3a. parte, no campo da metafísica platônica considerada aqui no contexto das discussões atuais sobre o fim ou a transformação da Metafísica. Uma nota complementar (pp. 273-275) informa sobre a história da pesquisa em torno das "doutrinas não-escritas" sobretudo nos séculos XIX e XX.

O estudioso de Platão encontrará, pois, nesse volume um guia precioso, bibliográfico e doutrinal, que lhe permitirá ler os *Diálogos* à luz das mais recentes e autorizadas pesquisas.

Endereço do Autor:
Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127
31720-300 Belo Horizonte — MG